

Fiocruz produz mosquito que não transmite dengue

Aedes aegypti carrega bactéria que impede a propagação; 10 mil insetos são soltos no Rio

A equipe de pesquisa da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), liderada pelo cientista Luciano Moreira, liberou ontem no ambiente 10 mil mosquitos *Aedes aegypti* que não são capazes de transmitir a dengue. A intenção é que os animais se repliquem naturalmente para que, até o fim do ano, todos os insetos que circulam na comunidade de Tubiacanga, na Ilha do Governador, no Rio, estejam livres do vírus.

Os ovos dos mosquitos foram contaminados com a bactéria *wolbachia*, encontrada em 60% dos insetos, como as

drosófilas (pequenas moscas) e os pernilongos. Essa bactéria atua como espécie de vacina para o *Aedes aegypti*, impedindo que o vírus da dengue se multiplique no organismo do mosquito, que deixa, assim, de transmitir a doença.

A *wolbachia* também atua na reprodução dos insetos – toda a prole que nasce carrega a bactéria, que é transmitida naturalmente para as gerações seguintes. *Aedes* com *wolbachia* acabam se tornando predominantes na natureza, sem que os pesquisadores precisem liberar insetos contaminados cons-

tantemente. Em localidades da Austrália, isso aconteceu em dez semanas, em média. Em Tubiacanga, serão liberados 10 mil mosquitos por semana, por três a quatro meses.

“O método é seguro porque a *wolbachia* já existe naturalmente no ambiente e nunca foi encontrada em vertebrados. É uma bactéria intracelular, ou seja, só sobrevive dentro da célula e, quando o mosquito morre, ela morre junto, sem deixar resquícios”, explica Moreira. Além disso, a bactéria é maior que o canal salivar do mosquito, ou seja, não sai pela saliva, meio pelo qual o homem é contaminado.

Depois da Ilha do Governador, os bairros da Urca e Vila Valqueire, no Rio, e de Jurujuba, em Niterói, receberão os mosquitos. Estudos para avaliar o efeito ocorrerão em 2016. (do Estadão Conteúdo)